

# Behemoth, Brasil

Reverendo a ditadura militar brasileira, a partir dos livros de Elio Gaspari

Francisco de Oliveira

As *Ilusões Armadas* (Cia. das Letras), de Elio Gaspari, têm tudo para se converter em referência para o estudo de um dos mais tenebrosos – e decisivos – períodos da história brasileira do século 20. Haverá discordâncias quanto à sua fatura, mas que – inclusive as que expressarei – não diminuem o valor do paciente e elaborado trabalho, escrito ágil, mas documentadamente, pelo jornalista que dominicalmente nas páginas da *Folha de S. Paulo* satiriza os desmandos de Pindorama. Gaspari partiu com enorme vantagem sobre outros estudiosos do período: os arquivos do ministro-sinistro Golbery do Couto e Silva – aliás, que ministro não foi sinistro na ditadura? – e de seu cavalariço, Heitor de Aquino. Gaspari não se fiou apenas nos documentos dos arquivos; testou-os à luz de uma boa bibliografia, contrastou-os com outros depoimentos de figuras do celerado regime e do pré-64. Critique-se desde logo a ausência de uma bibliografia mais ampla, melhor e mais atualizada sobre o populismo, que o teria livrado do preconceito. Mas o resultado é interessante: a escrita que seduz o leitor mostra uma parte da história do cotidiano da ditadura. Gaspari tem uma confessada má-vontade para com João Goulart, compartilhada com a quase totalidade dos que estudaram o populismo, sua breve presidência e o golpe de Estado de 1964. A imprensa compõe com a universidade um formidável e unísono coro nessa apreciação

despectiva e pejorativa. O golpe de 1964 é visto sob a ótica de uma conseqüente reação às provocações de Jango e sua *entourage*, de seu despreparo e debilidade. Ele é quase justificado, mesmo quando ressalvas são antecipadamente apresentadas. A “demonstração” da incapacidade pessoal e política de Jango resume-se a poucas notas de pé de página, uma das quais da própria mulher de Goulart, a outrora bela Maria Tereza, sobre a vida sexual extra-matrimônio do marido, que teria se deitado com todas as coristas dos teatros de revista do Rio. A ser verdade, quem não invejaria Jango? Gaspari devia ter levado em conta as advertências de Hobsbawm, de que a vida sexual de Keynes e Schumpeter, bem ativas e com preferências diametralmente opostas, não explicam as teorias econômicas radicalmente inovadoras que elaboraram (Eric Hobsbawm, *Tempos Interessantes*, São Paulo, Cia. das Letras, 2002). Mas que dizer da presença de um Evandro Lins e Silva, de um Celso Furtado, que continua a nos iluminar com sua “lucidez incansável”, o *maitre à penser* desde sua *Formação Econômica do Brasil*? É dele, aliás, um dos depoimentos que asseveram a incapacidade de Goulart. Mesmo tendo-se em alta conta os juízos do mestre republicano, sua opinião sobre Francisco Julião, emitida em um dos volumes de sua autobiografia, era depreciativa, o que não reduz o lugar de Julião na história brasilei-

ra. E Santhiago Dantas, Hermes Lima, Darcy Ribeiro, que nos legou a Universidade de Brasília e uma *rémarquable* obra antropológica? Todos ministros do “fraco” presidente.

Não seria chegada a hora de revisar a figura de Jango e de seu período, sem nenhuma concessão, mas também, digamos francamente, sem ressentimentos e preconceitos acadêmicos e jornalísticos, numa perspectiva histórica mais ampla e arejada? Um presidente tão despreparado teria escolhido personalidades tão marcantes e, segundo o clichê, opostas a ele mesmo? Quem sustentava politicamente Furtado, Evandro, Darcy, Hermes e Santhiago para garantir-lhes lugar no ministério de Goulart? Os brasileiros se lembram de algum outro ministério cujas personalidades tenham resistido ao efêmero prestígio, aos

*Behemoth (o monstro acima) é o título de livro de Franz Neumann, que viu o Estado nazista como um não-Estado, um monstro do caos – algo como o Brasil da ditadura militar dos generais Castello, Costa e Silva e Geisel (da esq. p/ dir., abaixo). Behemoth é uma alusão a Leviatã, o clássico livro de Thomas Hobbes, sobre o Estado. São dois monstros antipodas, da escatologia judaica*

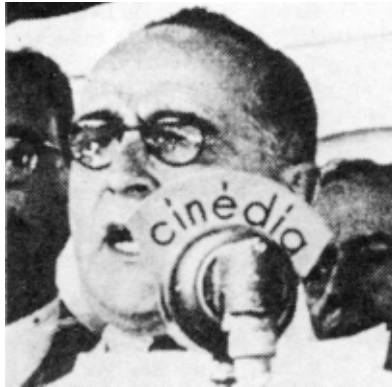


“quinze minutos” de fama?

O primeiro livro de Gaspari pode ajudar nessa revisão, apesar da caricatura do ex-presidente. É inescapável que o golpe de 1964 foi uma contra-revolução: a literatura produzida no âmbito largo das ciências sociais, da economia, do cinema, da própria literatura, do teatro, registraram a revolução de costumes, estética, industrial, cultural e um formidável deslocamento na estrutura de classes que começava a transportar-se para a da política e do poder. Inscrito ele mesmo na *longue durée* brasileira, o populismo, a específica forma do autoritarismo na periferia, já não absorvia os abalos produzidos na estrutura material e de classes. Jango e seu período foram tragados no vórtice das transformações que, resumidamente, a industrialização provocara.

Um dos equívocos que talvez tenha levado academia e imprensa à unanimidade negativa em torno de Goulart e seu período provém da interpretação de que o varguismo, assim como seus parentes mais próximos, e até superiores do ponto de vista do arraigamento nas classes populares, o peronismo, na Argentina, e o cardenismo, no México, eram fascistas, fascistóides, profascistas ou coisa que o valha. Não tanto paradoxalmente quanto se pensa, essa interpretação deriva diretamente das simplificações da Terceira Internacional em sua luta contra o fascismo. A grande maioria dos que fizeram ciência social e jornalismo dos anos 30 a 60, no Brasil, passaram pelas fileiras e/ou foram influenciados pelo Partido Comunista. E o mesmo é verdadeiro também para a América Latina, embora o PC em suas versões nacionalizadas não tenha tido tanta influência política na Argentina e no México.

Foi, até certo ponto, a pobreza do marxismo no Brasil e na América Latina quem sentou as bases para pensar o populismo como fascismo. Há outras interpretações que são mais sofisticadas, que viram no populismo um modo sui generis de interpenetração do nóvel proletariado por classes dominantes plagadas de patrimonialismo, o ethos dos dominantes plasmando a forma de inserção das classes subalternas na política. Só muito mais tarde, interpretações que se beneficiaram da Teoria Crítica frankfurtiana e da herança gramsciana introduziram maior sofisticação no estudo da *longue durée* autoritária brasileira, mas do ponto de vista do clichê já era tarde. Estava nesse marxismo pobre a interpretação da sociologia das classes produzida em São Paulo com o esquematismo da “classe sem consciência de classe”, presa



Resquisa ODI

**A cópia abusiva da *Carta del Lavoro* pela legislação de Getúlio sobre o trabalho deu plausibilidade à hipótese do populismo fascista, enquanto os estudos modernos mostram uma influência maior do positivismo em versão gaúcha, e uma classe operária que, de longe, não era tão passiva assim**

fácil das manipulações getulistas-trabalhistas. O Rio saiu-se melhor, mas extremado-se, talvez, na outra ponta, valorizando as vias nacionais, a especificidade da combinação entre o novo e o velho.

O fascismo foi, em todos os quadrantes, uma contra-revolução. Ele não pode ser entendido na tradição gramsciana da “via passiva”, nem na marxista-leninista da “via prussiana”. Trotsky é quem melhor o compreendeu, como uma contra-revolução, ao horrorizar-se com a cegueira dos comunistas alemães que tratavam a social-democracia como social-fascismo, enquanto achavam que o fascismo verdadeiro era fraco, epidérmico e facilmente derrotável pela poderosa classe operária alemã. Os próprios sociais-democratas não se deram conta, senão tarde demais. O fascismo teve sempre como inimigo a classe operária organizada, enquanto mobilizava o povo, *volk, popolo*, contra a classe.

O populismo latino-americano tratou, ao contrário, justamente de organizar a classe, *pro domo suo*, como forma de enfrentar as coalizões dominantes contra as quais operava no interior mesmo da longa “via passiva”. Na modernização que promoveu, seus inimigos dentro das próprias classes dominantes eram combatidos com a organização tutelada da classe operária. Esta é uma diferença importante de todos os pontos de vista, sem embargo de que os meios empregados eram um amálgama de violência, discriminação e perseguição política. A cópia abusiva da *Carta del Lavoro* pela legislação varguista do trabalho deu plausibilidade à hipótese do fas-

cismo, enquanto os estudos sociológicos modernos mostram uma influência maior do positivismo em versão gaúcha, e uma classe operária que, de longe, não era tão passiva quanto supôs a sociologia da classe sem consciência.

O primeiro capítulo de Gaspari, apesar de tudo, abre uma ampla janela para reestudar-se esse passado: a freqüente acusação da tentativa de instalação de uma república sindicalista deve ser lida como parte de um movimento pelo qual as classes trabalhadoras ensaiavam a libertação da tutela do Estado “populista” e os fatos mais imediatos que “legitimaram” a ação golpista, como a famosa revolta dos marinheiros, foram comuns em todas as revoluções, justamente por atingirem a viga mestra do poder militar. A Revolução Russa deu-se quando o exército desmoralizado pelas derrotas na primeira grande guerra, desabou como sustentáculo do absolutismo czarista e incorporou-se às forças revolucionárias.

Se o subdesenvolvimento apareceu, pelas mãos da Cepal, de Prebisch e de Furtado, como a forma própria da expansão capitalista na periferia, porque as formas políticas deveriam ser “clássicas”? Cabe à universidade despir-se de preconceitos e reencetar os estudos das formas políticas criadas na periferia; essa revisitação ao populismo já está se fazendo, com uma nova e vigorosa safra de estudos historiográficos e sociológicos, para benefício da compreensão da formação da sociedade, seus impasses e perspectivas. E o novo interesse talvez tenha sido motivado pela declaração de guerra de FHC à Era Vargas, que prometeu sepultar. A eleição de Lula, por sua vez, suscita também a pergunta sobre o caráter do regime político que ele está presidindo.

Historiadores e jornalistas deveriam levar a sério as proclamações dos próprios golpistas, que sempre localizaram na quebra da hierarquia a gota que fez transbordar o copo das antigas maquinacões udenóides-militares contra o regime que Vargas ergueu. E portanto, o objeto da investigação muda. A pergunta é: por que a longa acumulação de desequilíbrios políticos não se transformou em uma revolução? Se Jango devesse ser acusado, pelos democratas e sobretudo pela esquerda, deveria sê-lo por, ao recusar-se a resistir, ter ajudado a prolongar a tutela estatal que nos custou 20 anos de ditadura e posteriormente duas décadas de estagnação. Como a esquerda foge como o diabo da cruz de qualquer afinidade com o tema da revolução, não se volta à pergun-

ta. Nos anos 60 já nada se parecia, como não mais se parece, com revoluções tipo soviéticas, mas poderia simplesmente ter assumido a forma de uma radical republicana do Estado.

A outra perspectiva inovadora que pode calçar-se no trabalho de Elio Gaspari é que a ditadura militar no período de “envergonhamento”, é de uma anarquia quase sem paralelo. Behemoth, no título deste artigo alude ao livro de Franz Neumann, em que este frankfurtiano do “circulo externo” do Instituto de Pesquisa Social – como o nomeia Marcos Nobre no caderno *Mais!, da Folha de S. Paulo* (2/2/2003) – estuda o Estado nazista como um não-Estado, um monstro do caos na escatologia judaica. Sobreposições, duplicidade, irracionalidade na economia, uso de mão-de-obra escrava e de baixa produtividade por isso mesmo, espionagem e contra-espionagem no interior dos aparelhos de Estado, configurando um anti-Estado, em lugar da racionalidade pressuposta e autoproclamada do nazismo. O que chocou os frankfurtianos foi o uso da ciência e técnica modernas de um modo demente e por isso mesmo irracional. O conhecido paradoxo da modernidade autofágica que para Adorno e Horkheimer não eram incidentais, mas um desdobramento possível desde a “crítica resignada” – a expressão é de Gabriel Cohn – de Weber, pelo menos.

O SNI, criação do bruxo-mór Golbery – por quem Gaspari nutre uma bem disfarçada admiração, risco de quem lida com esse tipo de material e personagem – pode

ser tomado como uma mistura menor de Gestapo com as SS nazistas. Duplicidade de comandos, permanente espionagem interna, superposição de funções, policialização do exército, tortura e terror como método político, corrupção desenfreada que é o verdadeiro modo de operar das ditaduras, uma espécie de “modo de produção ditatorial”. O bruxo descobriria, tardiamente, que sua criatura era um monstro, que a corrupção não era conjuntural, mas intrínseca aos aparelhos de terror.

Gaspari oferece os elementos para mostrar algo da mesma natureza, embora os quilates do símile subdesenvolvido fossem menores do que os do nazismo. Desde os momentos iniciais do golpe, com o auto-proclamado bufão “vaca fardada” general Olympio Mourão saindo intempestivamente de Minas, até o racional e ainda hoje cultuado Marechal Castello Branco vindo, pela televisão, impotente e inteiramente por fora, sentado ao lado de Ernesto Geisel e do próprio Golbery, as vacilações dos golpistas, suas evoluções atropeladas e a apropriação do comando por Costa e Silva. Assisti no Recife, desde a madrugada do dia 31 de março, as idas e vindas dos militares, inseguros, vacilantes, sem entenderem o que estavam fazendo, dos quartéis para o Palácio do Campo das Princesas, até a declaração final do coronel Dutra de Castilho “convidando” o governador Miguel Arraes a permanecer no palácio, sob a proteção do Exército. Ao que um Arraes digno respondeu que não poderia ser hóspede de si mesmo, já que o palácio era sua residência. Eram já quatro horas da tarde de 1º de abril, mentira que a nação aguentou por mais vinte anos.

Pode-se perguntar onde residiu o êxito da ditadura ainda “envergonhada”, que preparou o “milagre brasileiro”, que foi presidido por Delfim Netto, que transitou de Costa e Silva e conheceu toda a glória sob as ordens do celerado Médici e chegou até Geisel e João Baptista Figueiredo; foi, pois, ministro de todos os ditadores, salvo Castello Branco. Aliás, Gaspari não deixa na dúvida a posição do então czar agora transformado em conselheiro do presidente Lula: transcreve os registros da fatídica reunião em que se decide o golpe dentro do golpe, o AI-5, em que a posição do “notável” democrata de hoje foi a de considerar tímida e moderada a supressão dos poucos direitos que a ditadura ainda respeitava, com a tortura que já se usava desabusadamente pelas Forças Armadas. Neste, como em outros pontos, deve-se louvar a coragem de Gaspari, que não isentou as mesmas Forças Armadas daquela

prática. Não se tratou de erro de “seres humanos” como disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas de policialização similar ao nazismo.

A explicação do “milagre” econômico da ditadura, sobretudo nos períodos Costa e Silva e Médici, pode ser encontrada, outra vez, num frankfurtiano menor porque quase desconhecido, Friedrich Pollock – com quem aliás Neumann polemizou sobre o caráter capitalista do nazismo. Para Pollock, a característica econômica central do nazismo era a de ser um modo de produção de mercadorias sem equivalência, devido precisamente à repressão dos sindicatos e dos partidos operários, o que desorganizou completamente o mercado de trabalho, e retirou dos trabalhadores organizados a capacidade de lutar por seus direitos. Salários determinados pelo terror e até a ausência absoluta de remuneração nos campos de concentração e nos guetos. Combinada com a perspectiva de Neumann, do não-Estado, chega-se a entender como o terror criou a economia política de acumulação primitiva até o paroxismo.

Agora que a crise ronda e rói a Varig, alguém ainda se lembra de que ela ganhou todas as linhas internacionais da Panair por uma decisão de Castello Branco, aconselhado e recomendado pelo lendário Brigadeiro Eduardo Gomes? O liberalão que desde sempre acolheu as “vivandeiras de quartéis” – a expressão é de Castello Branco – da UDN, por certo acreditou que ia deixar as “leis” do mercado operarem, enquanto a Varig pagava a peso de ouro as linhas tomadas da Panair, que só sobreviveu na canção de Milton Nascimento. A ditadura também decretava os salários, até o momento em que as greves de São Bernardo empurraram o regime no canto da parede, obrigando-o às sucessivas tentativas de deter o novo impulso do movimento sindical, o que incluiu, vale a pena não esquecer, a prisão de Lula e de outras lideranças sindicais. A ditadura promoveu a concentração e centralização dos capitais numa escala impensável, às custas do erário público. Gaspari outra vez oferece elementos para desvelar esse lado profundo, nada incidental, da ditadura militar. A perspectiva analítica aqui ensaiada serve-se dos elementos que ele organizou e, como se diz nos agradecimentos, ele não é responsável por ela. Obrigado, Gaspari, e desculpe a poeira... ■

**Francisco de Oliveira** é professor titular de Sociologia da FFLCH-USP e coordenador científico do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania da USP (CENEDIC USP).

**A vida sexual de Jango interessa? Gaspari devia ter levado em conta as advertências de Hobbsawm, de que a vida sexual de Keynes e Schumpeter, bem ativas e com preferências diametralmente opostas, não explicam as teorias inovadoras que elaboraram**



Pesquisa ODI